



Caderno Virtual de Turismo

E-ISSN: 1677-6976

caderno@ivt-rj.net

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Brasil

Santos da Silva, Francisca de Paula; Rodrigues Matta, Alfredo Eurico; Silva Coimbra de
Sá, Natália

Turismo de base comunitária no antigo Quilombo Cabula
Caderno Virtual de Turismo, vol. 16, núm. 2, abril, 2016, pp. 79-92
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115448575006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Turismo de base comunitária no antigo Quilombo Cabula

Community-based tourism in the antigo Quilombo Cabula

Turismo de base comunitaria en el antigo Quilombo Cabula

<http://dx.doi.org/10.18472/cvt.16n2.2016.1149>

Francisca de Paula Santos da Silva <fcapaula@gmail.com>

Professora Titular no Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia, Uneb, Brasil.

Alfredo Eurico Rodrigues Matta <alfredo@matta.pro.br>

Professor Titular no Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia, Uneb, Brasil

Natália Silva Coimbra de Sá <nsa@uneb.br>

Professora Assistente no Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia, Uneb, Brasil

CRONOLOGIA DO PROCESSO EDITORIAL

Recebimento do artigo: 27-out-2015

Aceite: 22-jun-2016

FORMATO PARA CITAÇÃO DESTE ARTIGO

SILVA, F. P. S.; MATTa, A. E. R.; COIMBRA DE SÁ, N. Turismo de Base Comunitária no Antigo Quilombo Cabula. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 79-92, ago. 2016.

REALIZAÇÃO



APOIO INSTITUCIONAL



EDIÇÃO



PATROCÍNIO



RESUMO

O presente artigo parte da compreensão que o turismo de base comunitária se diferencia metodológica e epistemologicamente do turismo convencional. A partir desse pressuposto e da observação de práticas relacionadas ao que se denomina por turismo de base comunitária (TBC), é construído conhecimento sobre essa forma de organização da comunidade. Para tanto, reflete-se sobre definições, conceitos e características do TBC, diferenciando-o do turismo comunitário e do convencional. Em seguida, apresenta-se a experiência de planejamento e organização do Projeto TBC que vem sendo desenvolvido desde 2010 no Antigo Quilombo Cabula, localizado no denominado “miolo” da cidade de Salvador, BA. As metodologias desenvolvidas e aplicadas foram elaboradas de forma participativa considerando-se o tempo, disposição, perfil e o cotidiano dos moradores locais envolvidos. Os resultados apontam para a importância das ações já concretizadas no âmbito social, histórico, cultural, educacional e político para as próprias comunidades. E que a riqueza e a diversidade de suas vivências e experiências têm muito a ensinar para os soteropolitanos e, também, para visitantes e turistas.

Palavras-chave: Turismo de Base Comunitária. Turismo Convencional. Turismo Comunitário. Antigo Quilombo Cabula. Pesquisa de Desenvolvimento (DBR).

ABSTRACT

This article starts with the understanding that community-based tourism differs methodologically and epistemologically from conventional tourism. From this assumption and the observation of practices of what is referred to as community-based tourism (CBT), the article builds knowledge on this form of community organization. Therefore, it reflects on definitions, concepts and features of CBT making clear its differentiation from communitarian tourism and conventional tourism. Then, it presents the experience of planning and organization of Projeto TBC that has been developed since 2010 in Antigo Quilombo Cabula, located in the central area of Salvador, Bahia. The methodologies developed and applied were elaborated as a participative process considering time, availability, profile and daily life of local residents involved. The results point to the importance of the actions already implemented in the social, historical, cultural, educational and political scopes for the communities – and that the diversity of their experiences have a lot to teach to the population of Salvador and, also, to visitors and tourists.

Keywords: Community-Based Tourism. Conventional Tourism. Communitarian Tourism. Antigo Quilombo Cabula. Design-Based Research (DBR).

RESUMEN

Este artículo parte de la comprensión que el turismo de base comunitaria es distinto metodológica y epistémicamente del turismo convencional. Desde esta asunción y la observación de las prácticas relacionadas con lo que se llama turismo de base comunitaria (TBC), es construido conocimiento acerca de esta forma de organización de la comunidad. Para ello, reflexiona sobre las definiciones, conceptos y características del TBC, para diferenciarlo del turismo comunitario y del turismo convencional. A continuación, se presenta la experiencia de planificación y organización del Proyecto TBC que se ha desarrollado desde 2010 en el Antigo Quilombo Cabula, situado en la parte central de la ciudad de Salvador, Bahía. Las metodologías desarrolladas y aplicadas fueron elaboradas en forma participativa teniendo en cuenta el tiempo, disponibilidad de participación, perfil y la vida cotidiana de la población local involucrada. Los resultados señalan la importancia de las acciones ya implementadas en los aspectos sociales, históricos, culturales, políticos y educativos para las propias comunidades. Y que la riqueza y diversidad de sus experiencias tienen mucho que enseñar a la población local de Salvador y también a los visitantes y turistas.

Palabras clave: Turismo de Base Comunitaria. Turismo convencional. Turismo comunitario. Antigo Quilombo Cabula. Investigación Basada en Diseño (DBR).

INTRODUÇÃO

O modelo de turismo em vigor ainda prima pela exploração dos recursos naturais e culturais, concentração de renda, espoliação do trabalhador, favorecimento de mega e grandes empreendimentos, pasteurização e mercadização da cultura, entre outros fatores que impactam negativamente a sociedade e o meio ambiente. Desse modo, o espaço para a participação das comunidades na atividade turística é reduzido a apresentações de *shows* folclóricos em casas de espetáculos, hotéis ou restaurantes, poses para fotografias, e outras práticas que são, muitas vezes, invasivas, abusivas e desrespeitosas (SILVA, 2005).

O turismo passou por uma expansão no final do século XIX por meio da criação de infraestrutura, serviços e produtos turísticos, tendo seu apogeu no século XX enquanto vetor econômico em áreas urbanas predominantemente. Algumas iniciativas alternativas foram surgindo nos espaços rurais. São nestes que emerge o turismo de base comunitária nos anos 1980, expandindo-se para áreas litorâneas e espaços urbanos. Comumente, essas práticas ocorrem em localidades onde habitam comunidades indígenas, caiçaras, quilombolas, ciganas, assentadas, faveladas, que passaram ou não por processo de colonização, que são marginalizadas, ou colocadas em condições de desigualdade social.

Para tanto, entende-se que essas comunidades têm a alternativa de apoderamento e empoderamento da sua história, do legado cultural e do meio ambiente existentes nas suas localidades, seja por meio de organizações cooperativadas, de redes e cadeias socioprodutivas e/ou da participação de artistas, grupos culturais, profissionais liberais, domésticas, crianças, jovens, adultos e idosos. Esses agentes articulados entre si e baseados em princípios da igualdade, justiça, confiança, respeito e solidariedade viabilizam o turismo de base comunitária.

O processo consiste na identificação pelas comunidades do potencial cultural, ambiental, social, tecnológico, político e econômico dos contextos onde habitam. Além disso, pressupõe o desejo de perpetuação das heranças e legados dos seus antepassados como hospitalidade, crenças e valores. Faz-se também necessária a valorização de suas práticas, saberes e tecnologias sociais e, com isso, a ampliação de suas rendas por meio de produção associada.

Em se tratando de comunidades que residem em espaços urbanos, constitui-se como fator imprescindível o engajamento sociopolítico e a participação popular em plenárias sobre temas correlatos às necessidades das comunidades como saúde, educação, saneamento, transporte, infraestrutura e outros serviços, para que tenham melhores condições de vida e desenvolvam o sentimento de pertencimento ao seu bairro, à sua cidade. Sendo assim, evita-se o desenvolvimento de um tipo de atividade turística que costuma beneficiar prioritariamente os visitantes e turistas, em detrimento dos moradores locais.

No caso de comunidades que vivem em espaços rurais, os elementos fundantes para o planejamento, organização, gestão e controle participativo, colaborativo, cooperativo e solidário estão presentes nos seus modos de produção, viabilizando o turismo de base comunitária na perspectiva que esses autores defendem. Em comunidades que habitam os espaços urbanos é comum que estas características de solidariedade, vizinhança compartilhada e criação de vínculos vão enfraquecendo à medida que o processo de urbanização privilegia construções de prédios residenciais verticais, desapropria casas e transfere moradores para localidades distantes para construção de vias de acesso, por exemplo.

Sendo assim, ressalta-se o valor do conceito para o planejamento do turismo de base comunitária que se diferencia metodológica e epistemologicamente do turismo convencional, conforme menciona-se no início desta introdução. A partir dessa compreensão e da observação de práticas relacionadas ao que se denomina por turismo de base comunitária construiu-se conhecimento sobre essa forma de organização da comunidade e contribuiu-se para a diferenciação de significados, conceitos e práticas entre turismo de base comunitária e turismo comunitário. E, ao final do texto, apresentou-se a experiência de planejamento e organização do turismo de base comunitária no Antigo Quilombo Cabula por meio de pesquisa de desenvolvimento, conforme referência de moradores de bairros populares de Salvador circunvizinhos à Universidade do Estado da Bahia (Uneb).

Turismo de base comunitária

O sistema capitalista necessita expandir-se para aquecer a economia mundial o que, por um lado, faz com que acentuem-se os níveis de desigualdade social e proliferem ações em localidades menos favorecidas, visando ao aumento de renda e, conseqüentemente, à criação de mercado consumidor. Por outro, há pessoas que buscam dar sentido e significado às suas vidas por meio de mudanças de comportamento, nos hábitos de consumo e nas opções de viagens, por exemplo.

É nesse contexto que surgem iniciativas de turismo de base comunitária e modalidades como turismo comunitário ou outras alternativas que, comumente, aparecem em países com baixos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH): áreas onde estão presentes grupos de etnias indígenas e de origens africanas, localidades onde há indivíduos socialmente marginalizados e espaços rurais, predominantemente.

Essas práticas vêm sendo realizadas na América do Sul, em países como Brasil, Chile, Bolívia, Equador; na América Central, em Honduras, Guatemala, Nicarágua, México; em países como Índia e China, assim como no continente africano, para citar alguns exemplos. E têm como países emissores de turistas para esses destinos Estados Unidos e Canadá, na América do Norte; na Europa, países como Alemanha, Espanha, Holanda e Reino Unido, entre outros (BARTHOLO; SANSOLO; BURSZTYN, 2009). Como não se tem a pretensão de realizar o retrospecto histórico da evolução dessas ações, nem de esgotar o assunto neste trabalho, recomenda-se algumas leituras específicas e visita aos sites da REDTURS¹; REDE TURISOL/ PROJETO BAGAGEM²; MTUR³; REDE TUCUM⁴; ECOBRASIL⁵ e WWF-Brasil⁶.

De modo que, para efeitos deste estudo, inicia-se esta seção diferenciando turismo de base comunitária de turismo comunitário, visando facilitar a compreensão da proposta deste trabalho. Na perspectiva da equipe do TBC Cabula, o turismo de base comunitária contrapõe-se ao modelo do turismo convencional. Sendo que o primeiro consiste em:

[...] uma forma de planejamento, organização, autogestão e controle participativo, colaborativo, cooperativo e solidário da atividade turística por parte das comunidades, que deverão estar articuladas e em diálogo com os setores público e privado, do terceiro setor e outros elos da cadeia produtiva do turismo, primando pelo benefício social, cultural, ambiental, econômico e político das próprias comunidades (SILVA; SÁ, 2012, p.11).

1 Disponível em: <<http://www.redturs.org>>.

2 Disponível em: <<http://www.projeto bagagem.org>>.

3 Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br>>.

4 Disponível em: <<https://www.facebook.com/RedeTucumTurismoComunitario>>.

5 Disponível em: <<http://www.ecobrasil.org.br/>>.

6 Disponível em: <<http://www.wwf.org.br>>.

O Ministério do Turismo – MTur (BRASIL, 2008) refere-se ao turismo de base comunitária, ainda que como sinônimo de comunitário, solidário, de conservação, ao afirmar que este:

[...] busca a construção de um modelo alternativo de desenvolvimento turístico, baseado na autogestão, no associativismo/cooperativismo, na valorização da cultura local e, principalmente, no protagonismo das comunidades locais, visando à apropriação por parte destas dos benefícios advindos do desenvolvimento da atividade turística (BRASIL, 2008, p.1).

Para Irving (2009, p.113), o turismo de base comunitária se apresenta como:

[...] proposta de desenvolvimento local, capaz de contribuir para a consolidação ética [...] das dimensões da existência humana em sociedade: do trabalho, social, política, cultural e humana [...] e da própria expressão da dimensão simbólica da vida em sociedade.

Outra conceituação que evidencia o turismo de base comunitária como sinônimo do turismo comunitário define que este é “compreendido como [...] uma forma de turismo em que comunidades locais assumem o comando do desenvolvimento do turismo em seus territórios” (CRUZ, 2009, p. 104).

Tais definições pressupõem que a comunidade é protagonista de todo o processo de organização e gerenciamento do turismo na sua localidade, significando que a gestão do turismo é da base comunitária, na qual emergem roteiros e serviços criados pelos sujeitos sociais a partir do legado cultural, das habilidades e de saberes populares, ao tempo em que eles são também os negociadores e anfitriões, sem intermediários.

Dessa forma, as comunidades se apoderam e empoderam do turismo e usufruem integralmente de suas benesses, entre outras características apresentadas no Quadro 1, diferenciando-se do turismo convencional.

Quadro 1 – Características do turismo de base comunitária e do turismo convencional.

Turismo de Base Comunitária	Turismo Convencional
Baseado no compartilhamento dos ganhos entre sujeitos da comunidade.	Baseado no lucro dos empresários.
Capital social, relação de confiança e transparência.	Capital proveniente do mercado, relação de oferta e demanda.
A cultura e o meio ambiente como base fundante da organização do turismo.	A cultura e o meio ambiente como mercadoria, produto, atrativo, atração, descaracterizando-os.
Valorização da identidade local.	Uniformização de culturas.
Organização em rede, coletiva, cooperativa, participativa, solidária, compartilhada.	Organização setorial, individualizada, competitiva, empresarial, centralizada.
Tem como fim a troca de experiências, de saberes e artesanatos manufaturados.	Tem como fim o consumo, compra e venda de produtos industrializados ou não.
Singularizado, o humano, o ser.	Massificado, o consumidor, o ter.
Princípio na economia solidária, no comércio justo.	Princípio no mercado, na competição.
Autogestão.	Gestão departamentalizada, fragmentada.
Protagonismo das comunidades no processo de desenvolvimento do turismo.	Alijamento das comunidades no processo de desenvolvimento do turismo.
Trabalho.	Emprego, expropriação e precarização do trabalho, exploração de mão de obra.

Turismo de Base Comunitária	Turismo Convencional
Conscientização.	Alienação.
Grupos marginalizados, politizados, classes populares.	Grupos detentores do capital, do poder, classes dominantes, membros de elites.
Foco no desenvolvimento local sustentável do território.	Foco no crescimento econômico, especulação imobiliária.
Apoderamento e empoderamento comunitário.	Apropriação privada, propriedade.
Espaço para organizações populares e iniciativas comerciais tradicionais formais e informais como quitandeiros, feiras populares, por exemplo.	Espaço para cadeias e redes internacionais, empreendimentos formais, de médio e grande porte como complexos hoteleiros, shoppings centers, por exemplo.
Bem-estar coletivo.	Bem-estar individual.

Fonte: Silva (2014).

Conforme o Quadro 1, o turismo convencional prima pela organização do turismo por iniciativas de empresários, seja de serviços de meios de hospedagem, operadoras, transportadoras, alimentação e outros. Estes, por sua vez, transformam manifestações culturais, atrativos naturais e pessoas em produtos e/ou mercadorias, sendo formatados em pacotes turísticos para serem comercializados por agências de viagens e operadoras. Nesse modelo as comunidades populares são vitrines, vistas como algo exótico, sendo reduzidas a atrativos e/ou atrações turísticas, entre outras características.

Para efeitos de ampliação e diversificação do mercado, e aumento dos lucros, os gestores do turismo convencional criam tipologias, modalidades ou segmentos de turismo como: cultural, ecológico, de aventura, esportivo, de pesca, de eventos, de favela etc. de acordo com a demanda. Na perspectiva deste artigo o turismo comunitário se enquadra como segmentação, verificando-se a sua diferenciação em relação ao turismo de base comunitária no Quadro 2.

Quadro 2 – Diferenciação entre Turismo de Base Comunitária e Turismo Comunitário.

Turismo de Base Comunitária	Turismo Comunitário
Modo de organização e gestão.	Segmento, tipologia, ou modalidade.
Organizado pela comunidade em rede interdependente, por meio de relações solidárias baseadas na confiança.	Vivenciado pelo turista e ou visitante em diálogo com sujeitos das comunidades.
Valorização da cultura, respeito e conservação do meio ambiente.	Imersão no cotidiano das comunidades, apreciando, compreendendo e valorizando a cultura e o modo de ser e viver.
Abertura para troca de saberes e práticas, hospitalidade, acolhimento.	Participação, voluntariado, intercâmbio cultural.
Oferta de serviços e produtos disponíveis na localidade.	Usufrui de coisas novas, diferentes do conhecido como a comida caseira, por exemplo.
Valorização e fortalecimento das feiras livres, mercados populares, grupos culturais, associações e outras expressões.	Interesse no popular, original, singular e plural.

Fonte: Silva (2014).

Ainda que por meio do turismo comunitário favoreça-se a valorização e o fortalecimento da identidade local e a geração de emprego e renda para grupos marginalizados, este é comercializado por operadoras

convencionais de emissivo e receptivo. Conforme o MTur (BRASIL, 2008, p. 2), “a atuação de operadores turísticos especializados, com destaque aos europeus, também demonstra o potencial deste nicho turístico”. Na perspectiva que trabalham os autores, entende-se que o turismo comunitário é uma das alternativas para as comunidades de baixa renda se inserirem na atividade turística, ainda que os impactos dessa prática sejam semelhantes aos do turismo convencional, por este ser entendido como um nicho de mercado e não uma nova forma de organização e gestão da atividade.

Essa forma de organização do turismo vem se desenvolvendo também em virtude do surgimento de um novo turista que, segundo Poon (1993), busca por destinos com roteiros alternativos onde possa viver experiências autênticas e conviver com valores de solidariedade, compromisso, responsabilidade social e ambiental. Nesse sentido, Maldonado (2009) afirma que:

por turismo comunitário entende-se toda forma de organização empresarial sustentada na propriedade e na auto-gestão sustentável dos recursos patrimoniais comunitários, de acordo com as práticas de cooperação e equidade no trabalho e na distribuição dos benefícios gerados pela prestação dos serviços turísticos (MALDONADO, 2009, p. 31, grifo nosso).

Essa definição de Maldonado (2009) contribui para o propósito insistente de distinguir turismo de base comunitária do turismo comunitário. No primeiro caso, não seria organização empresarial, mas solidária; nem sustentada em propriedade, mas no comunitário. Quanto ao segundo, há riscos de apropriações da comunidade por parte de pessoas espertas e individualistas ao identificar o turismo comunitário como oportunidade econômica, desvirtuando assim os conceitos abordados até aqui.

Sendo assim, concordando com Coriolano (2006), o turismo de base comunitária é desenvolvido pelos moradores de um lugar quando assumem de forma comprometida e responsável o papel de construtores dos arranjos produtivos locais e articuladores da cadeia ou rede produtiva, por meio do cooperativismo e associativismo, revertendo-se a renda gerada pelo turismo comunitário, ou turismo cultural, ou outra modalidade classificada como turismo alternativo, responsável, sustentável e solidário, em benefício do coletivo e da qualidade de vida para todos.

Defende-se aqui que as comunidades organizadas por meio do turismo de base comunitária não estejam nas prateleiras das operadoras e agências, mas que elas possam ter diálogo direto com o público que deseja viver experiências com elas e com as operadoras especializadas em turismo alternativo, sem intermediação dos empresários que incluem o turismo comunitário no mesmo rol de outras modalidades organizadas a partir da lógica de mercado.

Vale considerar que as dificuldades para tal prática são conhecidas pela equipe do projeto Turismo de Base Comunitária no Cabula e Entorno (TBC Cabula). Assim como o quanto é necessária a formação específica das comunidades para o desenvolvimento de conscientização política dos sujeitos. Estes devem ser conhecedores dos seus direitos e deveres e da sua condição enquanto cidadãos, podendo participar das políticas públicas relacionadas à educação, saúde, transporte coletivo, saneamento e outros serviços básicos. Bem como para tornarem-se sujeitos sociais proativos, habilitados para conviver e rever a situação de conflitos e tensões, violência, miséria e pobreza, entre outras mazelas geradas pela ordem social.

Ressalta-se que a proposta do turismo de base comunitária no Cabula tem como interesse subjacente e alicerçante para sua organização a conquista desses direitos, tendo em vista que os que existem são precários, quando não inexistentes. Logo, as iniciativas de turismo de base comunitária por meio de incentivos de órgãos oficiais, organizações não governamentais, universidades e outras instituições sem fins lucrati-

vos visam ao fortalecimento de associações, a formação de cooperativas e outras formas de organização baseadas em princípios da economia solidária e do comércio justo, por meio das quais os residentes dos bairros populares se engajam cumprindo com seus deveres enquanto cidadãos e em igual medida reivindicam por seus direitos.

Por essa iniciativa e outras evidências, deduz-se que as localidades de atuação do projeto TBC Cabula têm nas suas origens histórico de produção artística e mobilização social. Apenas para exemplificar algumas ações de residentes pode-se citar como “por meio do engajamento dos movimentos locais, fez-se negociação para que fosse mantido o nome do ilustre negro Beiru [...]” quando, por iniciativa de políticos, tentou-se substituir o nome do bairro de Beiru para Tancredo Neves (ANDRADE; ALMEIDA, 2013, p. 150).

Diante da potencialidade dos bairros populares do Cabula e entorno – ou Antigo Quilombo Cabula como denomina-se no âmbito do artigo – nos aspectos histórico, cultural, ambiental, de tecnologias sociais e movimentos de resistências, há cinco anos pesquisadores da Uneb e de instituições parceiras vêm processualmente desenvolvendo o turismo de base comunitária nessa localidade utilizando abordagem de pesquisa de desenvolvimento.

Turismo de Base Comunitária no Antigo Quilombo Cabula

O projeto TBC Cabula criado em 2010 e, desde então, apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb), vem atuando em 17 bairros⁷, cuja área é conhecida pelos moradores como Antigo Quilombo Cabula. Vale destacar que a referência da equipe do projeto era a delimitação de Fernandes (2003) antes do diálogo com as comunidades. Após este, mesclou-se o conhecimento acadêmico com o saber popular, adotando-se a área indicada na Figura 1.

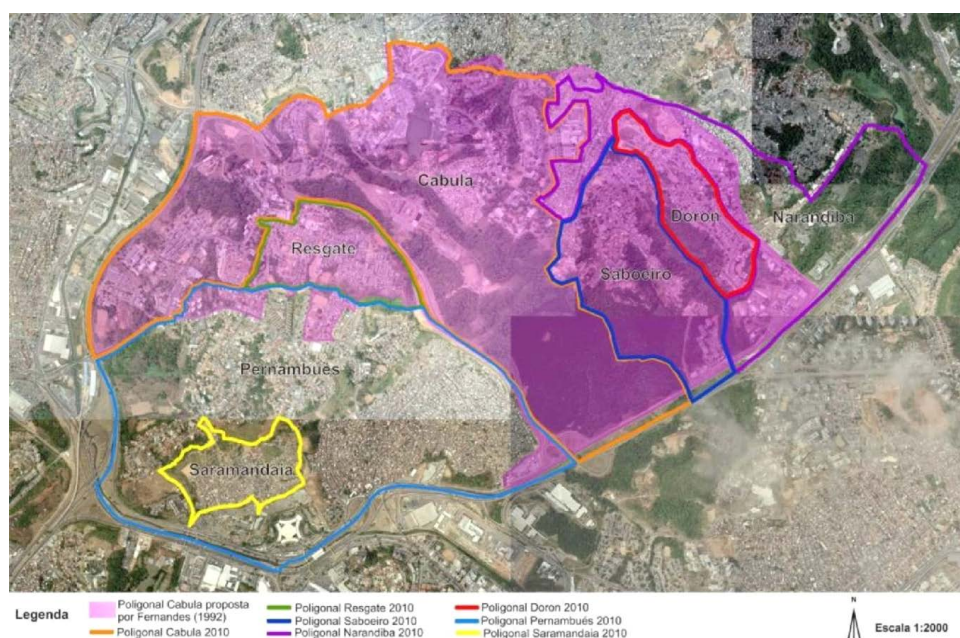


Figura 1 – Delimitação do Cabula.

Fonte: Lima (2010) *apud* Fernandes; Pena; Lima (2013, p. 63).

7 Bairros do Projeto TBC Cabula: Arenoso, Arraial do Retiro, Beiru/Tancredo Neves, Cabula, Doron, Engomadeira, Estrada das Barreiras, Fazenda Grande do Retiro, Mata Escura, Narandiba, Novo Horizonte, Pernambuco, Resgate, Saboeiro, São Gonçalo do Retiro, Saramandaia e Sussuarana Velha.

A execução do projeto conta com atuação de equipes multidisciplinares organizadas por 14 eixos temáticos⁸. Entre estes, o eixo específico em “Turismo de Base Comunitária” tem como principal finalidade:

a] mobilizar a comunidade para o reconhecimento dos recursos da localidade para o receptivo de visitantes e turistas; b] fazer diagnóstico social, econômico, ambiental, cultural, empresarial e de infraestrutura da Região do Cabula e entorno, visando ao desenvolvimento estratégico do turismo de base comunitária; c] fazer inventário participativo da oferta e da demanda da área delimitada, identificando as condições infraestruturais, oferta de serviços, e localizando espaços e atrativos naturais e culturais para favorecimento dos roteiros turísticos urbanos alternativos; d] elaborar com a comunidade os roteiros turísticos de base comunitária; e e] articular ações conjuntas entre a comunidade e a Secretaria de Turismo – Setur e outras instituições, para criação de centro receptivo comunitário, de serviços complementares de condução, gastronomia e hospedagem comunitária, e de venda da produção associada ao turismo (SILVA, 2010).

Outro objetivo delimitado na aprovação do projeto TBC Cabula foi o de produzir conhecimento sobre turismo de base comunitária, desenvolvimento local, cooperativismo popular, roteiros turísticos urbanos alternativos, receptivos populares, e a experiência de articulação entre pesquisa e extensão com participação da comunidade e a universidade, que vem se concretizando por meio das produções de pesquisadores locais, de iniciação científica e em extensão, de graduação, mestrado e doutorado.

Nos primeiros encontros com as comunidades os moradores resistiram em dialogar com a equipe do TBC Cabula, com argumentos de que a Uneb sempre esteve ausente no que dizia respeito aos seus interesses. Ou relatavam que, quando esta aparecia era por meio de pesquisadores que chegavam na comunidade fazendo perguntas e fotografando, porém, não davam retorno para eles e desapareciam do bairro quando o prazo do edital expirava. Afora isso, reclamaram do descarte de resíduos sólidos pelo muro da universidade nos passeios e calçadas dos bairros da Estrada das Barreiras e da Engomadeira.

Alguns mencionavam aspectos positivos da Uneb, como atividades de educação física, massoterapia, caminhadas no 19º BC, corridas, gincanas e outras promovidas dentro e fora da Uneb, concessão do uso das quadras de esporte para os moradores da vizinhança, Universidade Aberta da Terceira Idade (Uati), serviços de saúde, cursos pré-vestibular, de idiomas, de dança e Projeto Cidadão, por exemplo.

Essas falas e comportamentos foram compreendidos pela equipe ao circular pelos bairros e ter conversas informais. Percebeu-se, também, que havia aplicação distorcida e equivocada do conceito de TBC por consultores de empresas e de órgãos públicos que não interagiam com as comunidades, apenas cumpriam seu trabalho e não retornavam mais. Sobre isso, uma moradora de um dos bairros comentou “esses moços vêm aqui, tiram foto, fazem uma atividade achando que somos tudo tolos, e vão embora e nunca mais voltam [...] e as pessoa da comunidade só participa quem recebe o dinheiro, só vai pelo dinheiro [...]” (NICÁCIA, 2011, comunicação pessoal).

Essas experiências contribuíram para que a equipe refletisse sobre os contextos desses bairros e as vivências neles, durante as quais não se presenciou atos de violência. Simultaneamente, a divulgação sobre os mesmos nas mídias televisiva e impressa durante o período das visitas consistia basicamente em notícias sobre a criminalidade nos bairros, salvo algumas divulgando projetos, eventos e ações de cidadania. Apenas para mencionar um exemplo destes últimos em relação ao bairro de Sussuarana: “(...) projeto da Coelba, estaciona caminhão nos bairros das 09:00 às 15:30 para troca de resíduos sólidos recicláveis por

8 Eixos temáticos do Projeto TBC Cabula: 1) Território e Espaço Urbano; 2) Meio Ambiente, Ecologia Social e Ecoturismo; 3) Lazer, Esporte e Entretenimento; 4) Educação, Formação e Cidadania; 5) Comunicação Comunitária; 6) Memória, História, Patrimônio e Cultura; 7) Tecnologias Educativas; 8) Inclusão Sociodigital; 9) Cooperativismo, Economia Solidária, Tecnologia Social e Inovação; 10) Design e Sustentabilidade; 11) Turismo de Base Comunitária; 12) Saúde Coletiva; 13) Políticas Públicas, Desenvolvimento Local e Regional; 14) Linguagem e Culturas Afro e Afrobrasileiras.

descontos na conta de energia” (A TARDE, 27/08/2012, A4); “1ª Noite da Beleza Negra de Sussuarana – sábado, 19/11/2011, 17:00 horas, na Escola Cantinho do Saber (...)” (A TARDE, 17/11/2011, A9); “(...) projeto Ruas de Lazer da Secult por meio da Coel, vai a Sussuarana” (A TARDE, 6/05/2012, A4); “Feira de Saúde na Praça Geraldo Galo, organizada pelo Centro de Saúde de Sussuarana, das 09:00 às 16:00 horas, teste de glicemia (HGT), orientações tuberculose (...)” (A TARDE, 19/05/2012, A10); “(...) promovida pelo Centro de Saúde (...) combate à dengue, reforço da conscientização junto à população” (A TARDE, 19/05/2012, A4).

Após encontros nos bairros para apresentação do projeto TBC Cabula, de 2011 aos dias atuais, realizaram-se rodas de conversas, oficinas, cursos, visitas técnicas e viagens de estudo em localidades escolhidas pelos participantes das comunidades e das instituições de ensino, visando ao mapeamento do patrimônio material, imaterial e a organização de roteiros turísticos alternativos. Entre os esforços mais recentes, tem-se trabalhado na construção de conhecimento com as comunidades e a formação destas sobre a história de sua gente, dos seus antepassados e o legado deixado para as novas gerações. Entende-se que, por meio da educação e de mobilização das comunidades, as chances de fazer com que o Estado garanta os seus direitos, proteja e defenda o patrimônio cultural e ambiental aumentem.

Como resultado prático dessa mobilização das comunidades para o turismo de base comunitária, apresentam-se os roteiros elaborados e executados pelos moradores do Antigo Quilombo Cabula, revelando a valorização do seu modo de vida, da sua história e da sua cultura. Considera-se que o êxito desses roteiros é atribuído aos pesquisadores locais voluntários residentes nos bairros de Pernambués, Saramandaia, Mata Escura, Estrada das Barreiras, Arraial do Retiro e Cabula I e VI que se organizaram para receber visitantes e turistas.

No caso de visitantes, o público foi de estudantes do Doutorado Multidisciplinar e Multi-institucional em Difusão do Conhecimento (DMMDC), do Programa em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC), da Uati, dos cursos de graduação em Turismo e Hotelaria, Urbanismo, Comunicação Social, Educação, do ensino técnico do Centro Estadual de Educação Profissional da Bahia (CEEP/BA) e do ensino médio das escolas dos bairros; assim como os participantes das cinco edições do Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária (ETBCES), realizadas entre 2011 e 2015. E, neste último ano, cinco participantes do evento vindos de fora de Salvador ficaram hospedados na casa de moradores da Mata Escura.

Vale mencionar os roteiros de turismo alternativo nos bairros de Pernambués e Saramandaia “Da Horta à Mesa” e “Horta Comunitária” realizados em 12/04/2013 e 15/11/2014, respectivamente, como atividades dos encontros e oficinas que vêm sendo oferecidas. Fez parte da organização a confecção de camisas com o slogan “Nossa Horta”, definido por eles, e artesanato de papel machê com tema relacionado à horta. Em visita à horta comunitária de Saramandaia, degustou-se chá de capim-santo e suco de beribéri, comercializou-se artesanato local e hortaliças frescas. O roteiro foi encerrado com almoço vegetariano na casa de uma das moradoras do bairro, com recital de poesia. Afora este, realizou-se o “Planeta Comunidade” em 13/07/2013 como parte do III ETBCES e que consistiu na realização de passeio nos bairros com guia-anfitriã local⁹.

Realizou-se visitas de campo e trilhas no “Horto do Cabula” em 17/12/2011, 07/05/2012, 02/09/2013 e 16/11/2014. Em 2011 visitou-se o terreiro Bate Folha, na Mata Escura; o Centro de Triagem de Animais

⁹ Para efeitos de mais informações sobre os roteiros em Pernambués e Saramandaia, sugere-se a leitura de Anjos (2013).

Silvestres (Cetas) do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), na Estrada das Barreiras; o Horto do Cabula; e o almoço foi no conjunto ACM com mostra de artesanato, sendo guiados por Índio, artista, residente na localidade. Em 2012 e 2013 incluiu-se nos roteiros: visita à Escola Municipal Cabula I; à área dos eucaliptos, areal e a “avenida de casas”, entrando na casa de dois andares construída pelo morador com resíduos descartados como madeira, papelão e outros; ao terreiro Nzo Bakisê Sasaganzuá Gongará Kaiango, sendo recepcionados pelo Zelador de Santo Zé Paim e pela Makota Itana que falaram sobre a origem do povo africano com foco no terreiro de candomblé, as plantas sagradas e o horto, assim como apresentação dos bordados. Em 2014 o roteiro do “Horto Cabula” foi realizado concomitantemente com dois grupos: um pela “Trilha Horto-Mata Escura”, guiada por jovens da Organização Não Governamental (ONG) Preservando a Natureza e Praticando Cidadania (PNPC); e o outro pela “Trilha Horto-Cabula I”.

Referindo-se ao Horto do Cabula, Denis Sena¹⁰ expressa:

Acredito na política da transformação social. A minha arte segue esse conceito. O Horto Florestal do Cabula I, precisa de intervenções política-culturais. A comunidade não reconhece a importância de estar conectado e plugado com o verde. Percebo que as pessoas não comentam e não reivindicam o desmatamento, por exemplo. O Antônio Jorge, “Toinho”, já foi alvo de ameaças por algumas pessoas e o intuito era lutar contra o descaso. Outra lamentável questão é a invasão no horto. Há diferenças entre invasão e ocupação. Isso é fato. (SENA, 29/08/2013, comunicação pessoal).

E Antônio Jorge, coordenador do Projeto Cidadão, responde: “Ok meu irmão! A caminhada pelo social é grande, árdua, porém, gratificante. É o que nos alimenta espiritualmente. Paz, Justiça, Liberdade e Fraternidade” (SANTOS, 31/08/2013, comunicação pessoal).

O roteiro “(Em)Cantos da Mata Escura”, realizado no dia 8/07/2012, fez parte da programação do II ETBCES. Foi organizado e executado pelos moradores que participaram dos encontros, rodas de conversa e oficina, e que posteriormente se filiaram ao Coletivo Arte e Cultura do Cabula (Cultarte), uma cooperativa de artesãos, culinaristas, poetas, pintores e grupos culturais.

No caso de turistas, o primeiro roteiro foi realizado no bairro de Pernambués logo após o I ETBCES, em 6/07/2011. O projeto TBC Cabula não tinha completado um ano de implantação e foi demandada visita de três dias na comunidade, de 22 a 24/07/2011, pelo grupo da Fazenda Modelo Quilombo D’Oiti, de Itacaré. Esse roteiro foi intitulado “I Visita ao bairro de Pernambués pela Comunidade da Fazenda Modelo Quilombo D’Oiti, Itacaré-Bahia”. Entre outras demandas que o projeto tem recebido, mencionase a hospedagem comunitária entre 23/06 e 07/07 de 2015 no bairro do Cabula por uma pesquisadora de Curitiba-PR para realização de estudos sobre a governança do Território Cabula na perspectiva da ecossocioeconomia.

Destaca-se ainda a realização dos ETBCES, cujos dados são apresentados no Quadro 3. Esse evento anual faz parte do processo de extensão e pesquisa que se desenvolve no Antigo Quilombo Cabula aprofundando e sistematizando com mais vigor as atividades integrativas, tanto do ponto de vista do conhecimento quanto das ações propriamente ditas. Assim, busca dar visibilidade e reconhecimento às diversas produções sociais, políticas, culturais e econômicas da localidade. Os três primeiros encontros foram realizados no auditório da Uneb entre 2011 e 2013. Em 2014 o evento saiu da universidade a pedido das comunidades, com a justificativa de que lhes faltavam recursos para deslocamento e alimentação, o

¹⁰ Denis Sena, ou Denissena (nome artístico), é um artista e arte-educador residente no bairro do Cabula e participante do Projeto TBC Cabula. Mais informações sobre o seu trabalho podem ser consultadas no site oficial: <<http://denissena.arteblog.com.br/>>.

que limitava a participação. Assim, o ETBCES foi abraçado pela comunidade de Pernambués, sendo realizado no Colégio Estadual Ministro Aliomar Baleeiro, o que permitiu mais aproximação entre a academia e as populações dos bairros. Diante desse efeito positivo, em 2015 o V ETBCES foi realizado no Colégio Estadual Zumbi dos Palmares, no bairro do Beiru/Tancredo Neves, cujos dados estão em processo de tabulação e análise.

Quadro 3 – Público do ETBCES nos anos de 2011, 2012, 2013 e 2014.

	ESPERADO				EFETIVADO			
	2011	2012	2013	2014	2011	2012	2013	2014
Professores/pesquisadores	32	71	80	90	10	74	64	70
Professores de educação básica	64	00	25	30	05	10	18	30
Alunos de pós-graduação	20	25	30	35	12	29	41	44
Alunos de graduação	50	49	52	55	263	60	32	35
Profissionais	45	427	550	570	29	434	430	312
Outros	29	00	100	220	51	00	21	625
Total	240	572	837	1.000	370	607	606	1.116

Fonte: Silva (2014).

Conforme o Quadro 3, o público que participa dos ETBCES vem aumentando. Vale ressaltar que o número de participantes esperados em 2013 não correspondeu por motivos de paralisação da polícia civil, chuvas, greves, entre outras adversidades. A equipe TBC Cabula entende que, paulatinamente, esse evento seja de total responsabilidade das comunidades do Antigo Quilombo Cabula, tendo em vista o aumento da participação de estudantes das redes públicas de ensino do município e do estado.

Feita essa sucinta apresentação sobre como vem sendo desenvolvido o projeto TBC Cabula nos bairros populares circunvizinhos à Uneb, afirma-se que a equipe está sempre iniciando processos conforme abordagem metodológica de Pesquisa de Desenvolvimento, mais conhecida por *Design-Based Research* (DBR) (MATTA; SILVA; BOAVENTURA, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto TBC Cabula emerge do contexto de ensino, pesquisa e extensão em âmbito de graduação e mestrado, em parceria com a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) e o Núcleo de Cooperação e Ações em Políticas Públicas e Economia Solidária (Coappes) da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). Completando cinco anos de experiência em comunidades de bairros populares do entorno da Uneb, vem sendo apoiado por instituições de fomento à pesquisa por meio de iniciação científica e outros níveis de investigação.

Para efeitos de compreensão e construção de conhecimento, fez-se necessário apresentar definições, conceitos e características do turismo de base comunitária, diferenciando-o do turismo comunitário e do convencional. As metodologias desenvolvidas e aplicadas foram elaboradas considerando-se o tempo, disposição, perfil e o cotidiano das comunidades do Antigo Quilombo Cabula. Devido às características desses contextos não foi possível a aplicação de técnicas de levantamento de dados e informações adotadas pelo Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur) e MTur.

No processo de execução desse projeto enfrentaram-se dificuldades como a retaliação por parte de pseudo-lideranças comandadas por políticos. Afora esse aspecto, chuvas, greves, paralisações e indisponibilidade das comunidades em horários acessíveis para os pesquisadores interferiram na realização de algumas atividades e na ampla participação dos residentes dos bairros onde aconteceram as rodas de conversa e oficinas.

A continuidade do projeto está diretamente relacionada ao apoderamento e empoderamento das comunidades; ao fortalecimento de iniciativas como a criação do grupo Cultarte; às articulações de moradores e entre as comunidades e a universidade como colaboradores e voluntários; no apoio das escolas para a realização de oficinas pedagógicas para formação em turismo de base comunitária; na aprovação de projetos de pesquisa em âmbitos de monitoria de extensão, estágios e iniciação científica; no apoio com recursos financeiros para a realização dos eventos e outras atividades que aproximem a universidade das comunidades; na atuação das equipes dos eixos temáticos de forma articulada; nas adesões de associados, cooperativados e redes comunitárias. E, claro, após a mobilização das comunidades, ao apoio dos gestores públicos.

Assim sendo, afirma-se que o projeto está em processo e sempre estará, respeitando-se o dever das comunidades. Diante do que foi visto, presenciado, ouvido e, sobretudo, vivido e experimentado, o Antigo Quilombo Cabula tem muito a mostrar para a sociedade soteropolitana e, quiçá, para visitantes e turistas.

REFERÊNCIAS

A TARDE. Vale Luz vai percorrer dez bairros. Salvador: **Jornal A Tarde**, A4, curtas, segunda-feira, 27/08/2012.

_____. Feira. Salvador: **Jornal A Tarde**, A10, sábado, 19/05/2012.

_____. Sussuarana tem Feira de Saúde. Salvador: **Jornal A Tarde**, A4, sábado, 19/05/2012.

_____. Ruas de Lazer vai a 5 localidades. Salvador: **Jornal A Tarde**, A4, domingo, 6/05/2012.

_____. Sussuarana festeja cultura negra. Salvador: **Jornal A Tarde**, A9, quinta-feira, 17/11/2011.

ANDRADE, E.; ALMEIDA, E. C. Política Pública para Reparação das Desigualdades Raciais na Educação do Estado da Bahia. In: SILVA, F. de P. S. da. Turismo de Base Comunitária e Cooperativismo: articulando pesquisa, ensino e extensão no Cabula e entorno. Salvador: Eduneb, 2013, p. 135-152.

ANJOS, R. S. dos. Encontros na e com a Comunidade de Pernambuco e Saramandaia. In: SILVA, F. de P. S. da. Turismo de Base Comunitária e Cooperativismo: articulando pesquisa, ensino e extensão no Cabula e entorno. Salvador: Eduneb, 2013, p. 105-111.

BARTHOLO, R.; SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.). Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

BRASIL. Ministério do Turismo. Seleção de Propostas de Projetos para Apoio às Iniciativas de Turismo de Base Comunitária. Brasília: MTUR, Edital de Chamada Pública de Projetos MTur/N. 001/2008.

CORIOLO, L. N. M. T. O Turismo nos Discursos, nas Políticas e no Combate à Pobreza. São Paulo: Annablume, 2006.

CRUZ, R. de C. A. da. Turismo, Produção do Espaço e Desenvolvimento Desigual. In: BARTHOLO, R.; SANZOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.). Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009, p. 92-107.

FERNANDES, R. B. Las políticas de la vivienda en la ciudad de Salvador e los procesos de urbanización popular en el caso del Cabula. Feira de Santana: UEFS, 2003.

FERNANDES, R. B.; PENA, J. S.; LIMA, J. de B. Cabula: entre produção do espaço e especulação. In: SILVA, F. de P. S. da. Turismo de Base Comunitária e Cooperativismo: articulando pesquisa, ensino e extensão no Cabula e entorno. Salvador: Eduneb, 2013, p. 53-68.

IRVING, M. de A. Reinventando a Reflexão sobre Turismo de Base Comunitária: inovar é possível? In: BARTHOLO, R.; SANZOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.). Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009, p. 108-121.

MALDONADO, C. O Turismo Rural Comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. In: BARTHOLO, R.; SANZOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.). Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009, p. 25-44.

MATTA, A. E. R.; SILVA, F. de P. S. da; BOAVENTURA, E. M. Design-Based Research ou Pesquisa de Desenvolvimento: metodologia para pesquisa aplicada de inovação em educação do século XXI. In: Revista da Faebe: educação e contemporaneidade. Salvador: Uneb, v. 23, n. 42 – jul./dez. 2014, p. 23-36.

NICÁCIA. Correspondência pessoal. Salvador: Projeto TBC Cabula, 2011.

POON, A. Tourism, Technology and Competitive Strategies. Wallingford, Oxon, UK: CAB International, 1993.

SANTOS, A. J. N. dos. Visita ao Horto Florestal Cabula – 02 Setembro 2013. Salvador: Projeto TBC Cabula, 31/08/2013. (correspondência pessoal).

SANTOS, A. L. et al. O Turismo como Atividade “Urbanizadora”. Salvador: II ETBCES, 2012. Pôster (II ETBCES).

SENA, D. Visita ao Horto Florestal Cabula – 02 Setembro 2013. Salvador: Projeto TBC Cabula, 29/08/2013. (correspondência pessoal).

SILVA, F. de P. S. da. Turismo de Base Comunitária no Cabula e Entorno. Salvador: Uneb, 2014. Memorial (promoção e progressão na carreira do magistério superior, de titular para pleno) Universidade do Estado da Bahia, Curso Turismo e Hotelaria.

_____.; SÁ, N. S. C. de (Org.). Cartilha (In)formativa sobre Turismo de Base Comunitária: “O ABC do TBC”. Salvador: Eduneb, 2012.

_____. Turismo de Base Comunitária na Região do Cabula e Entorno: processo de incubação de operadora de receptivos populares especializada em roteiros turísticos alternativos. Salvador: Fapesb, 2010. Edital n. 021/2010, pedido n. 6791.

_____. Educação Superior Sustentável: uma análise de cursos de turismo. Salvador: UFBA/Faced, 2005. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação.